

# Por toda parte escreverei o teu nome

Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho

Maio de 2026

No dia 29 de outubro de 1940 em Buenos Aires, o escritor Stefan Zweig proferiu uma icônica palestra. Seu objetivo, após anos de estudos, escritos e convívio com artistas, músicos e poetas era investigar o sublime: o mistério da criação artística. Para ele era fundamental submergir no processo de criação em um mundo de embates e descaminhos. Criar é estar alijado de si mesmo, um estado de êxtase (ÉKSTASIS), um ficar fora de si, pois toda concepção de uma obra de arte é um processo interno. O ato de criação, invisível, permite que o nada se reconfigure como algo, “o perecível se transforme em permanente”. Zweig revela que todas as nações e religiões, sem exceção, vinculam o processo de criação com a ideia do divino. Sem esoterismos ou sectarismos ele aponta que a indiferença diante desse mistério impede o estabelecimento de uma verdadeira relação com a arte. Como pode uma pessoa criar uma obra sobre-humana? Como nasce? Flui naturalmente como o vento, explode enquanto tempestades ou racionaliza-se a priori? Esforços intelectuais conscientes não são deméritos, mas se revelam insuficientes para destrinchar sutilezas, surpresas e paradoxos. É preciso ir além.

Nessa nova exposição Luciano Figueiredo, artista múltiplo, pintor, designer gráfico, poeta, cenógrafo, curador e ex-gestor de importantes instituições culturais, celebra seus 60 anos de atividades. Após sua última mostra de relevos em 2025 na cidade de Weimar, Alemanha, antiga sede da Bauhaus, ele reitera não apenas seu domínio absoluto dos meios materiais com que sempre interagiu, mas reafirma sua linguagem sucinta e articulada. Nela novamente atentamos a presença dos jornais, das sobreposições de planos, do intercâmbio de espaços com cores e palavras, das sombras e de suas explorações em *chiaroscuros*, tão caras a sua pesquisa do cinema *noir*.

No silêncio e solidão do ateliê, ao longo de quase um ano de intenso e ininterrupto trabalho, formas delicadas de colagens de tiras de papel, manchas de cores e carimbos começaram a se mesclar sobre superfícies brancas, dando vida a uma busca que sempre definiu sua poética. Esse artista experimentalista escavou essências, quase uma arqueologia, estruturas de sustentação e sobreposição de planos que parecem flunar em suspensão. As superfícies deixam de ser inocentes e embutem perguntas, transparências e espantos que somente o artista é capaz de revelar.

Ao recortar suas guias, ou listas de cores, nas partes extremas de jornais, Luciano repensa como se dão registros e combinações de matérias pictóricas. Cianos, Magentas, Amarelos e Pretos (CMYK) são para ele mais do que efeitos de cor, alinhamentos, correções de densidades, calibrações ou garantias de consistência para uma reprodução fidedigna.

A seleção das tiras, coladas de múltiplas formas e sentidos, vai além de monocromos intercalados. A manipulação que se segue desorienta e provoca uma releitura desse material bruto, aparentemente estabelecido e tecnicamente definido. Expõe elementos gráficos alternativos, nos remete a um certo neoplasticismo esquecido, restabelece conexões históricas. Ao nos depararmos com tais colagens temos um sentimento de fragmentações que permeiam nossas vidas, nos incitando a pensar quais rumos e direções tomar. Como se daria o resultado de imagens que se fundem de forma caótica? Quais imagens realmente conseguimos enxergar? O conjunto questiona certezas e verdades, desordena, desorienta, o oposto da função original de uma guia de cor - não se presta agora para nada, a não ser para uma nova linguagem, um novo exercício gráfico. Consistências de impressão, medidas de resolução e correção desaparecem desse vocabulário.

Mas é nessa mesma investigação que Luciano prossegue. Se depara com mais uma frase de Jean-Luc Godard, em *Histoire du Cinéma*, e a retira do contexto, decupa-a, se surpreende e a traduz. Repara que ao traduzir, ressignifica. Não é mais Godard em francês, assim como as tiras de cor dos jornais perderam seu propósito original. Como o poeta mexicano Octavio Paz afirmou, toda tradução implica em transformação, invenção, desmonta estruturas culturais, introduz outras dimensões de compreensão e assimilação pelo outro. Ao carimbar, como escrita, a nova frase de Luciano se volta para o elemento pictórico de origem, potencializa as guias e amplia o sentido maior de sua criação. Desafia figurações e abstrações, emula, com palavras e filetes coloridos, sensações que se cruzam.

Ao grafitar nas telas “ **por toda parte escreverei seu nome**”, inaugura campos visuais e de linguagem. Não está necessariamente declarando sentimentos de amor, apego, solidão, perdas ou abandono. A presença dos carimbos remete ao milagre divino da criação de Zweig, do imponderável, do mistério, do inusitado, do inescapável destino do homem de subverter, de se inscrever na história, seja qual for sua identidade, seu propósito, seu nome.